

O infinitivo pessoal em português

Gonçalo Duarte

Uma das particularidades da língua portuguesa no conjunto das demais línguas românicas é a do emprego da forma flexionada do infinitivo (a que se chama infinitivo pessoal). Esta forma permite a inscrição da pessoa verbal no infinitivo, através do uso das terminações *ø*, *-es*, *ø*, *-mos*, *-des* e *-em*. A sua origem é discutível (sabendo-se que não existia no latim) e mesmo a terminologia adequada para o classificar (forma nominal? modo?) não gera consenso.

O uso do infinitivo pessoal é bastante comum em português, tanto na linguagem escrita como na oral (mesmo num registo popular). A selecção da forma a utilizar (flexionada ou não flexionada) cria no entanto algumas dificuldades a quem deseja aprender português como segunda língua, pois obedece a regras complexas e pouco precisas¹. De facto, as tentativas que têm sido feitas para delimitar com rigor tais regras não deram origem a nenhuma explicação cabal². Vistas as dificuldades acrescidas que o emprego da forma flexionada no registo literário suscita, limitar-me-ei, nesta breve exposição, a usar exemplos da linguagem do quotidiano.

Por comodidade, costuma indicar-se aos alunos de Português Língua Estrangeira (PLE) uma série de contextos e de expressões em que é habitual usar o infinito pessoal. Pela repetição de exemplos e pela resolução de exercícios, estes aprendem que a forma flexionada é de regra quando o infinitivo surge depois de expressões impessoais (*é possível, é bom, convém...*) ou em frases subordinadas condicionais (*no caso de...*), concessivas (*apesar de...*), finais (*para...*), causais (*por...*), temporais (*antes de, depois de, ao, até...*), etc.

Notem-se os exemplos:

- *É preciso (vocês) irem ao supermercado porque já não há leite.*
- *O Rui comprou uma aparelhagem para (nós) ouvirmos música.*
- *No caso de (tu) estares doente, não vou à festa.*

Como o demonstram as duas últimas frases, o uso da forma flexionada permite a manutenção do infinitivo em orações ligadas por subordinação que tenham sujeitos distintos. Nas restantes línguas românicas, torna-se necessário, nestes casos, o uso de uma forma do conjuntivo (o que é também possível em português, nas variantes *É preciso que vocês vão ao supermercado porque já não há leite, O Rui comprou uma aparelhagem para que ouçamos música e Caso estejas doente, não vou à festa*). Acrescente-se ainda, relativamente a estas duas últimas frases, que a ausência da forma flexionada alteraria o sentido da frase, permitindo supor que o sujeito de ambas as orações seria o mesmo:

- *O Rui comprou uma aparelhagem para (ele) ouvir música.*
- *No caso de (eu) estar doente não vou à festa.*

¹ Para uma primeira abordagem aos usos da forma flexionada e não flexionada do infinitivo, ver CARREIRA, Maria Helena Araújo e BOUDOY, Maryvonne, *Pratique du portugais de A à Z*, Hatier, 2003, pp. 163 a 167.

² cf. CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, edições Sá da Costa, 2002 (17ª edição), p. 482.

É também habitual ensinar aos alunos de PLE que, se o sujeito de um infinitivo já estiver claramente expresso na mesma oração por meio de outro verbo, o uso da forma flexionada não é aceitável. Tal é evidente quando o infinitivo se segue a verbos modais (*Não podes estacionar aí o carro* e não **Não podes estacionares aí o carro*) ou em perífrases formadas com verbos auxiliares como *estar*, *andar* ou *ficar* seguidos de preposição *a* e infinitivo (*Nós estamos a dormir* e não **Nós estamos a dormirmos*).

A verdade, porém, é que uma utilização capaz do infinitivo pessoal exige aos falantes de PLE, para além do conhecimento destas regras, uma prática persistente e também alguma sensibilidade para que não pequem por excesso (ou *para não pecarem por excesso*). Atente-se nos seguintes exemplos:

- *Os alunos entraram para fazerem o teste.*
- *Os alunos foram beber um refresco ao café depois de fazerem o teste.*

Aqui, o uso da forma flexionada do infinitivo pode ser considerado opcional: o sujeito das duas orações é o mesmo e podemos usar o infinitivo impessoal (não flexionado), por não haver espaço para dúvidas a esse respeito. No entanto, há uma diferença sensível entre as duas frases. Na primeira, o infinitivo pessoal, por estar tão próximo do verbo da oração de que depende, é sentido como redundante e mesmo deselegante (preferindo-se a alternativa *Os alunos entraram para fazer o teste*). Na segunda, devido a uma maior distância entre as formas verbais de cada oração, a presença da forma flexionada do infinitivo não causa relutância (embora seja perfeitamente aceitável a alternativa *Os alunos foram beber um refresco ao café depois de fazer o teste*). Estes exemplos permitem seguir a conclusão de Celso Cunha e Lindley Cintra, que sugerem ser esta uma discussão “mais do terreno da estilística do que, propriamente, da gramática”³.

E, no entanto, uma análise à luz da gramática afigura-se necessária em exemplos como o seguinte:

- *Apesar de estarem cansados, os alunos não voltaram logo para casa.*

Embora o sujeito de ambas as orações seja o mesmo e não haja espaço para dúvidas, o uso da forma flexionada é aqui indispensável e não pode ser elidido, visto que o predicativo *cansados* depende desse infinitivo pessoal (não sendo aceitável a forma **Apesar de estar cansados, não voltaram logo para casa*).

Gonçalo Duarte is verbonden aan het Belgische filiaal van het Camõesinstituut en doceert Portugees aan de K.U.Leuven.

³ cf. obra citada, p. 487.